

Resumo: Esse artigo procurou mostrar como Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra (1866-1899) cria a série humorística *Diálogos*, com características da crônica e do teatro. A coluna foi publicada de julho de 1895 a janeiro de 1899 no periódico carioca *A Notícia*, somando um total de 467 textos. O *corpus* do trabalho, que resultou a dissertação “As crônicas dialogadas de Figueiredo Coimbra: entre o jornalismo e o teatro”, versou sobre 133 crônicas, referente ao ano de 1895, que foram anotadas, com indicações dos acontecimentos históricos da data de publicação de cada crônica. Os *Diálogos*, que possuíam eminente caráter estético e artístico, realizavam uma representação literária do cotidiano dos cariocas no final do século XIX. Coimbra aproveita a sua experiência como dramaturgo para inserir em suas crônicas as estruturas e convenções que faziam sucesso no teatro. Para entender a estrutura adotada por Coimbra, foi preciso também fazer um breve percurso biográfico, para entender as estratégias adotadas pelo autor.

Palavras-chave: Figueiredo Coimbra, *Diálogos*, crônica.

Abstract: *This article aims to show how Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra (1866-1899) creates his humoristic series Diálogos by mixing characteristics of the genres chronicle and theater. This series was published between July-1895 and January-1899 in the Rio de Janeiro's newspaper A Notícia, and it reaches a sum of 467 texts. In the dissertation, there are 133 chronicles from the year of 1895, which form the corpus of this work. These texts accompany explications concerning the themes and the characters discussed on them. The central theme is the everyday of the end of the nineteenth century. This literary column can still today draw the readers attention because of its remarkable aesthetic and artistic character Coimbra uses his experience as a theater writer to insert in his chronicles the structures and conventions that were successful in the theater. In these short texts, we can find registered part of the history of the customs in the Rio de Janeiro, with the spontaneity of the chronicle and with the agility of the comic sketches of the revues and of the other comic dramatic forms.*

Keywords: Figueiredo Coimbra, *Diálogos*, chronicle.

¹ Artigo resultante da dissertação de mestrado “As crônicas dialogadas de Figueiredo Coimbra: entre o jornalismo e o teatro”, defendida em julho de 2009.

² Mestre em Teoria e História Literária pelo IEL/UNICAMP. A dissertação foi orientada pela Profa. Dra. Orna Messer Levin e financiada pela FAPESP. E-mail para contato: marfe16@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, a composição dos jornais brasileiros consistia de um caderno único composto de quatro até seis páginas impressas, contendo cada uma de seis a dez colunas. O espaço do rodapé ficava reservado aos folhetins e, nas últimas páginas dos diários, localizavam-se os anúncios. A maioria dos textos era publicada sem títulos no cabeçalho e sem a assinatura do redator. Tais características observam-se na estrutura de praticamente todos os jornais diários que circulavam no Rio de Janeiro na época em que Figueiredo Coimbra criou suas crônicas.

A partir desse modelo de composição interna do jornal, percebe-se que algumas formas textuais se mostravam visualmente mais atraentes do que outras, chamando a atenção dos leitores. Esse é o caso das crônicas em forma de diálogo, que sobressaem nas páginas do diário, principalmente, por diferirem das notícias e dos textos em prosa. Os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra constituem um exemplo desses textos que conquistavam os leitores, fazendo sucesso nas folhas diárias. A coluna, em destaque nesse artigo, foi publicada no jornal *A Notícia* de 1895 a 1899.

FIGUEIREDO COIMBRA E OS *DIÁLOGOS*

Figueiredo Coimbra, de nome completo Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra, nasceu a 18 de março de 1866, no Rio de Janeiro. Faleceu jovem, com apenas 33 anos, a 23 de março de 1899, vítima de tuberculose. Nas últimas décadas do século XIX, ele frequentava as rodas literárias e convivia com escritores importantes do período, como Raul Pompéia, Olavo Bilac e Artur Azevedo. O autêntico boêmio era conhecido no meio literário e sua vida sempre foi dedicada às letras.

Entre os anos de 1882 a 1899, publicou na imprensa poemas, crônicas e artigos; concomitantemente, nos teatros, eram representadas comédias, revistas, traduções e adaptações, sob autoria de Coimbra. Todas as produções foram esquecidas pela crítica, sobretudo pela efemeridade de seus meios de divulgação e pela ausência de uma publicação em livro.

A carreira literária de Coimbra começou efetivamente em 1884, com a comédia *A Carta Anônima*, peça representada no Teatro Recreio Dramático pela companhia Dias Braga. Posteriormente, escreveu *O Bendegó* (1889), revista de ano escrita em parceria com Oscar Pederneiras, e *O mundo da Lua* (1894), uma viagem-revista. O sucesso no teatro revelou o talento do jovem escritor e, a partir desse momento, ele recebeu convites para escrever na imprensa carioca. A *Gazeta da Tarde*, o *Diário de Notícias*, o *Novidades*, a *Revista Ilustrada* e a *Revista Teatral* são alguns exemplos de periódicos, em que se encontram colaborações do autor.

No decorrer dos anos, as colaborações na imprensa também se tornaram sinônimo de sucesso. No auge da carreira, ele colaborou no vespertino *A Notícia*; o periódico surgiu em setembro de 1894, contando com a colaboração de Valentim Magalhães, Medeiros e Albuquerque, Ferreira de Araújo e Figueiredo Coimbra, como secretário da redação. Nessa folha, Coimbra publicou artigos e comentários sobre os fatos da época, como a atuação do ator Novelli, em 1895. Ali, criou duas colunas de crônicas: “Notas de um simples” e “Diálogos”.

A coluna “Notas de um simples”, publicada todas as sextas-feiras, surgiu em outubro de 1894 e permaneceu até dezembro de 1896, somando um total de 58 textos. No dia 23 de julho de 1895, Coimbra começou a publicar, diariamente, os “Diálogos”, que, a partir de 1896 até 1899, sofreram interrupções variáveis. Somam-se 467 textos publicados durante esses anos, como disposto na tabela:

Tabela 1 – Textos publicados por ano

Ano	Nº de textos
1895	134
1896	225
1897	86
1898	18
1899	4
Total	467

Coimbra assinou os primeiros 42 textos dos “Diálogos” com o pseudônimo “Platão”, alusão ao exímio filósofo grego que escrevia em forma dialogada e que até hoje é, por excelência, o maior exemplo do gênero diálogo. Os leitores de *A Notícia* tiveram conhecimento da autoria dessa série por meio de uma nota, publicada em 26 de agosto de 1895, com informações sobre as colunas e os colaboradores do periódico, na qual se confirmava o nome de Figueiredo Coimbra. A revelação não afetou o uso do pseudônimo, que foi mantido até o dia 9 de setembro de 1895. O texto seguinte, de 10 de setembro, apareceu com outra assinatura. A partir desse dia, o autor usou as iniciais “F.C.”, como na coluna “Notas de um simples”, iniciais estas adotadas até o final da publicação, em 1899.

Os *DIALOGOS* N’A NOTÍCIA

Os *Diálogos* de Coimbra, como já explicitado, foram publicados no vespertino *A Notícia* de 23 de julho de 1895 a 20 de janeiro de 1899. A coluna não foi a primeira de Coimbra nesse periódico, pois desde 1894 ele ocupava o rodapé as sextas-feiras com a série de crônicas “Notas de um simples”.

O periódico *A Notícia* surge em setembro de 1894, instalando-se na Rua do Ouvidor, nº 123; inicialmente conta com a colaboração de Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães, Figueiredo Coimbra e, com o trabalho do redator, Manuel de Oliveira Rocha. Nessa época, presencia-se a circulação e fixação de grandes jornais na capital federal, como a *Gazeta de Notícias*. O diferencial que marca a chegada d’*A Notícia* é o fato de ser um jornal vespertino, apesar de não ser o primeiro da capital.³

³ Conforme Simões Junior (2007), *A Notícia* “não era o primeiro vespertino que procurava conquistar o público leitor carioca, pois já fora precedido, por exemplo, pela *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes (1845-1881), e por *Novidades*, de Alcindo Guanabara (1865 – 1918). Esses jornais, entretanto, estavam a serviço de facções políticas; suas matérias originais eram os artigos e editoriais, sempre incandescentes, uma vez que as notícias eram, sem nenhum pudor, aproveitadas das folhas da manhã. Ousada, a nova folha da tarde (*A Notícia*) procurou ser fundamentalmente um órgão de informação...”. Relata-se que Figueiredo Coimbra tinha experiência com jornais vespertinos, pois colaborou tanto na *Gazeta da Tarde* como em *Novidades*.

O outro vespertino, *A Cidade do Rio*, começa a concorrer com a nova folha para “ver qual a primeira a sair, envolta no berro agudo dos garotos vendedores, para apanhar os níqueis dos primeiros fregueses” (SODRÉ, 1999, p. 272). Necessariamente, os dois jornais eram impressos depois das duas e meia da tarde, porque o resultado da loteria era divulgado pontualmente às duas da tarde. Esse foi o modo que encontraram para aumentar as vendas, visto que as pessoas compravam os vespertinos para conferir seus bilhetes. Fator, além de outros, que garantiu para *A Notícia*, uma boa lucratividade em sua estreia. A folha adquiriu *status*, tanto que no início do século XX era o vespertino de maior tiragem no Rio (Sodré, 1999, p. 285).

O periódico também praticava preços populares, oferecendo cada número avulso por 100 réis, e cobrando 28.000 réis pela assinatura anual. A circulação não era restrita à capital, porquanto era possível assinar e receber a folha em outros lugares do Brasil por meio da entrega dos correios. Em 1895, o vespertino adotou um sistema de paginação para os assinantes do interior, em que se preservavam as colaborações e excluía-se as notícias locais, colocando nesse espaço as notícias sobre o Congresso.⁴

Repleta de novidades, a folha foi a primeira, em 1895, a utilizar o serviço telegráfico (*Ibidem*, p. 267). Muitos leitores só acreditaram no noticiário, quando no dia seguinte, o *Jornal do Comércio* confirmou as informações veiculadas por *A Notícia* (*Ibidem*). No mesmo ano, passa a ser impressa em um papel especial, importado, na cor rosa. Dessa forma, tornava-se possível reconhecer *A Notícia* nas mãos de qualquer pessoa.

No primeiro aniversário d'*A Notícia*, Alberto Torres comenta que o periódico contava com 15 mil leitores, que “formam na opinião brasileira a fidalguia da inteligência e dos costumes” (A.T.,

⁴ A folha explica esse procedimento em uma nota publicada no dia 23 de julho de 1895, na página 1, coluna 1: “Tem causado certos reparos a paginação atual d'*A Notícia*, pela sequência dos artigos, ficando as notícias do Boletim do dia quase sempre agrupadas na 2ª página. A explicação desse método é o seguinte: tendo a 2ª página de ser modificada para a edição da noite, e sendo esta a edição remetida para os assinantes, só com a retirada de notícias locais, que não interessem os assinantes do interior é que podemos abrir espaço para o Congresso e outras matérias, sem sacrificar os artigos de colaboração”.

1895, p.1). O editorial do dia 17 de setembro de 1895 contempla a ideologia que participa da fundação e da constituição do jornal:

Fundada numa época em que a doçura tradicional do caráter brasileiro parecia ter-se afeito a moldes de uma irreconciliável intransigência, ela procurou manter-se na linha da independência, sem a qual preferia não ter aparecido, mas sem vibrar de um ou de outro lado notas veementes de paixão ou de partidarismo.

Esse foi o seu ideal ao fundar-se, essa tem sido até hoje a sua linha de conduta e é o critério que a tem inspirado na escolha dos elementos que a cercam e a cuja moderação sem dúvida é devido, à parte a generosidade do público, o apoio que lhe tem sido dispensado⁵.

Rochinha, como era conhecido o diretor d'*A Notícia*, traça a “linha de conduta” exigida dos colaboradores e de seus escritos, evidenciando a imparcialidade dos mesmos. O caráter geral das colaborações era moldado para que as notícias fossem publicadas sem o êxtase do “partidarismo”. Com esses elementos, a folha fez sucesso durante o seu primeiro ano de publicação, como atesta o redator Ferreira de Araújo, que revela a fórmula para se obter o êxito, tão almejado pelos novos periódicos:

Trabalhar, trabalhar sempre, trabalhar dia e noite, ter a preocupação constante do jornal, procurar achar em tudo o que acontece, em tudo o que se vê, em tudo o que se ouve, em tudo o que se faz, o que se fez e o que se está para fazer, o que pode daí sair para o jornal, notícia, artigo de fundo, crônica, folhetim, reclame, e depois dar à coisa a forma que mais lhe convém, o lugar que a importância do caso reclama, e *servir chaud*, dá-lo a tempo e a horas, antes que esfrie⁶.

A fórmula, considerada pelo colunista como o “segredo de Polichinelo”, remete aos princípios básicos do jornal de notícias. Percebe-se que cada colaborador beberia da mesma fonte para escrever sua colaboração, mas cada um conferiria uma forma

⁵ A NOTÍCIA completa hoje. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895. O texto foi publicado no dia 17 de setembro de 1895, na primeira página e na primeira coluna do jornal, provavelmente escrito por Manuel de Oliveira Rocha, seu diretor.

⁶ F. Em dia de...*A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 de setembro de 1895. A coluna é assinada por F, inicial usada por Ferreira de Araújo todos os dias no artigo inicial do periódico.

diferente, contanto que fosse rápida e atual. Figueiredo Coimbra se encaixa nesse perfil, tendo a coluna *Diálogos*, como o mais primoroso exemplo. O autor escreve sobre o cotidiano, sobre as últimas notícias, transformando-as em diálogos humorísticos.

Ainda traçando as linhas gerais que caracterizam *A Notícia*, o colunista político Alberto Torres elogiará os leitores do jornal:

Não há carioca de boa linha e espírito fino que, ao tomar o *bond* às cinco horas da tarde, não leve na mão o ligeiro papel cor-de-rosa, que tomou esta cor do próprio caráter, da própria feição do seu temperamento.

Os leitores do jornal eram os de “espírito fino” e procuravam no periódico a “opinião calma, correta e serenamente dita”. Não era da índole da dama cor-de-rosa ficar ruborizada, mas rósea. Os textos tinham como característica principal a moderação no tratamento do tema. Repare no modo como Alberto Torres descreve a sua colaboração no vespertino:

Creio porém que esse mesmo nunca infringiu o primeiro artigo do programa da *Notícia*: a calma e a educação de maneiras nas discussões que nem sempre é fácil manter no terreno escabroso da política. Ser calmo, tolerante e moderado é mesmo, no fundo, o único programa político da *Notícia*.⁷

“Calmo”, “tolerante” e “moderado” são as características não só do conteúdo político d’*A Notícia*, mas do jornal como um todo, que cultivava a “educação das maneiras” em cada escrito. Mesmo com neutralidade, os colaboradores apresentam a sua opinião, de forma “calma, correta e serenamente dita”. Os comentários são sensatos, com ataques indiretos, escritos de um modo tão sutil que o leitor de hoje precisa recorrer a outras fontes para compreender a opinião de cada colaborador.

Em 1895, os colaboradores escolhidos por Rochinha seguiam a “linha de conduta” moderada d’*A Notícia*: Ferreira de Araújo

⁷ A.T. [Alberto Torres]. Não há talvez...*A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1895, p. 1. 2. col. O texto foi corrigido pela errata publicada na edição da noite, onde transcrevemos “educação de maneiras”, saiu na primeira edição como “educação de meninas”, o que conferia outra interpretação para o artigo de Torres.

escrevia sempre o primeiro artigo, comentando a “questão do dia”; nos assuntos políticos, o periódico contava com a colaboração do deputado Alberto Torres; os artigos sobre ciências ficavam a cargo de Medeiros e Albuquerque; a literatura era conferida à pena de Valentim Magalhães e a “nota humorística” era redigida por Figueiredo Coimbra, em sua coluna *Diálogos*. Esses eram os colaboradores diários, além dos quais, o periódico contava ainda com a colaboração de Olavo Bilac, três vezes por semana, na coluna “Fantasia”. Havia também as colaborações semanais, para as quais se reservava o espaço do rodapé da primeira página, em que se publicavam às terças, as “Reminiscências políticas” de Anapurus (Alfredo d’Escagnolle Taunay), às quartas, o folhetim ilustrado de Julião Machado, às quintas “O teatro” de Artur Azevedo, às sextas as “Notas de um simples” de Figueiredo Coimbra e aos sábados, a crônica de Lulu Senior (Ferreira de Araújo). Além desses, a folha ainda contava com colaborações esporádicas de Augusto Montenegro, Silva Araújo, José Avelino, Capistrano de Abreu, Aluísio Azevedo, Gastão Bouquet e Figueiredo Pimentel⁸.

O grupo formado n’*A Notícia* confere ao periódico a sua grande popularidade e a qualidade de ser um bom jornal, cujos leitores eram considerados como sendo de “boa linha e espírito fino”.

Figueiredo Coimbra, conforme exposto acima, colaborava com duas colunas: diariamente com os *Diálogos* e às sextas-feiras com as “Notas de um simples”. O autor era o responsável por trazer diariamente a parte humorística d’*A Notícia*, com os seus *Diálogos*.

A primeira publicação da coluna foi anunciada na primeira página do jornal, pela seguinte nota:

De hoje em diante A NOTÍCIA contará com a colaboração diária de PLATÃO, autor dos DIÁLOGOS de que publicamos o *specimen*. PLATÃO mal pode ocultar um dos distintos escritores que semanalmente ocupam o rodapé d’A NOTÍCIA.⁹

⁸ Essas informações foram retiradas da nota publicada n’*A Notícia* no dia 26 de agosto de 1895, na primeira página.

⁹ As palavras em caixa alta foram conservadas como no original. Provavelmente o jornal queria chamar a atenção para a sua nova coluna.

A nota provavelmente foi escrita pelo redator Ferreira de Araújo, que basicamente denominou a publicação de *specimem*, que significa espécime, exemplar, amostra. Essa denominação indica que seria publicada apenas uma amostra, um exemplar dos *Diálogos*, ou seja, uma pequena parte do que viria a ser o diálogo, como se aquele texto fosse apenas um fragmento de outro maior. A explicação para o termo usado por Araújo está provavelmente no tamanho do texto, que poderia ser uma cena de teatro. Dessa forma, a coluna do jornal seria apenas uma amostra, uma parte de um ato ou de uma peça¹⁰.

Nos *Diálogos*, Figueiredo Coimbra seguirá a “linha de conduta” d’*A Notícia*, o que poderá ter gerado o seguinte comentário da redação do jornal, por ocasião de seu falecimento:

Os últimos trabalhos jornalísticos de Figueiredo Coimbra, que apareceram n’*A Notícia* foram os *Diálogos*, uma das seções mais lidas e apreciadas da nossa folha, e em que eram patentes o cunho original do literato observador e de crítico mordaz e calmo, e o culto que ele rendia à elegância da forma e à língua vernácula. (Figueiredo..., 1899, p. 1).

Coimbra fez o papel de crítico “mordaz” e também “calmo”, ou seja, manteve a linha moderada exigida dos colaboradores do periódico. Nessa linha foram criados os *Diálogos* publicados de 1895 a 1899, num total de 467 textos.

ASPECTOS GERAIS DOS *DIÁLOGOS*

Os Diálogos reúnem humor e dramaticidade, realizando uma representação do cotidiano dos cariocas do final do século XIX. As personagens eram aglomeradas em uma cena dramática, que se passava nas diversas ruas do Rio de Janeiro, nas casas de família, nos salões de festas, nos jornais, nos teatros e em diversos lugares comuns às pessoas daquela época.

Os textos seguem o caráter moderado de *A Notícia*, criticando de forma indireta. Na crônica publicada no dia 8 de novembro de

¹⁰ A denominação de Ferreira de Araújo da coluna já revela a dificuldade de caracterizar e conceituar os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra.

1895, por exemplo, Coimbra critica a precariedade dos serviços públicos da capital. O autor cria um texto humorístico em que dialogam duas personagens: a Estrada Central e a Febre Amarela. Ambas discutem sobre quem seria o pior mal naquele final de século. Sabe-se que as condições dos meios de transporte público favoreciam a ocorrência de acidentes e, esses eram constantemente noticiados nos jornais, em 1895. Na semana em que foi publicada a crônica, ocorreu um desastre que vitimou sete pessoas. Esse fato provavelmente motivou a criação do diálogo, que ironiza as condições do transporte:

A ESTRADA CENTRAL. — [...] Quem me escolhe, não tem que se enganar: vem à morte certa. E olha que me devem agradecer de mãos postas, porque a todos levo muito mais longe do que o seu destino: levo-os para o céu. Vê lá se conduzir à eterna bem-aventurança quem apenas deseja ir a Cascadura, não é exceder miraculosamente os maiores desejos e expectativas? (F.C, 1895)

Observa-se que nos *Diálogos* encontra-se a ficcionalização do cotidiano. Figueiredo Coimbra aproveita uma notícia e cria um diálogo humorístico, com personagens alegóricas (Estrada de Ferro/ Febre Amarela), em um processo ficcional, conferindo ao texto características literárias. Dessa maneira, pode-se considerar a coluna como um conjunto de crônicas, que apresentam características não apenas da crônica, mas também do teatro, estabelecendo uma ligação entre essas duas formas.

Os cronistas retratam o tempo, os fatos, observando a vida, o presente, as experiências e as reflexões humanas; as coisas mais sérias são ditas de uma maneira absolutamente sutil. “‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico, estritamente ligado ao jornalismo.” (Coutinho, 1997, p. 121).

Vale ressaltar que os *Diálogos* eram publicados diariamente¹¹ n’*A Notícia* e tinham como temática o dia-a-dia da capital carioca. Observando novamente a apreciação de Bilac, na coluna “A

¹¹ Em 1895, a publicação era diária; de 1896 a 1899, a colaboração de Coimbra passou a ser esporádica.

data”, percebe-se que o poeta já havia ressaltado as características “cronísticas” da série de Coimbra:

E que dizer dos *Diálogos*, – desse vasto animatógrafo, por onde, palpitante e apanhada em flagrante, viva e bulhenta, desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias, com os seus *tics*, com seus vícios? Todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma (B., 1900, p. 2).

A apreciação de Bilac remete à criação literária, percebida principalmente pelas palavras “personagem” e “estado de alma”. O autor também compara a coluna ao animatógrafo, um dos primeiros aparelhos de cinema, que veiculava cenas de apenas 30 segundos exibidas nos teatros. Nessas apresentações, as pessoas assistiam à projeção de cenas dramáticas do cotidiano. No caso dos *Diálogos*, cada texto lembra uma cena do animatógrafo: rápida e concisa.

Coimbra fixa na série “as pequeninas tragédias e comédias que são a vida de uma cidade”. Trata dos assuntos que pertencem à rotina dos cariocas, como na crônica do dia 8 de novembro em que expôs os problemas de transporte e saúde pública na capital, transformando-os em uma cena cômica. Por meio de personagens alegóricas, Coimbra provoca o riso em seus leitores e, ao mesmo tempo, critica a falta de providências do governo local. Tanto o humor quanto a crítica são características da série.

A transformação da crônica em uma cena teatral humorística, somada à utilização de personagens-tipo e alegóricas, confere à série uma estrutura peculiar. Tem-se então, uma mistura de gêneros literários que une crônica e dramaturgia, demonstrando a liberdade do escritor no processo de criação. No ensaio “A estampa da rotativa na crônica literária”, Luiz Roncari explica como as crônicas podem ser constituídas (algumas das formas por ele relacionadas aplicam-se ao caso dos *Diálogos*):

... a crônica usa e abusa da variedade dos pequenos gêneros, dos simples aos mais complexos, na sua composição: *diálogos do cotidiano*, retratos, *tipos*, *cenas cômicas e dramáticas*, versos, sonetos, relatos, nar-

rativas, casos, comentários, contos, confissões, descrições líricas, sátiras, paródias, etc. (Roncari, 1985, p. 14. grifos nossos)

Coimbra emprega esses “pequenos gêneros” para compor a série *Diálogos*. Estrutura cada crônica misturando com “diálogos do cotidiano”, “tipos”, “cenas cômicas” e “dramáticas”. Essa combinação de formas fez com que a coluna fosse designada sob perspectivas diversas, por parte da crítica contemporânea ao escritor. Assim, em setembro de 1895, *A Notícia* considerou a coluna como uma “nota humorística” (*A NOTÍCIA*, 1895, p.1); Medeiros e Albuquerque classificou os *Diálogos* como “artiguetes leves e despreziosos”, além de “quadro de costumes” e inseriu o autor como integrante da “literatura dialogada” (Rufiufio Singapura, 1899, p. 2).

Artur Azevedo considerou a série como “fragmentos de comédias” e “cenas soltas”, “articuladas numa ação dramática” (Azevedo, 1899, p. 2). Já Valentim Magalhães a caracterizou como sendo “dialogação cênica”, indo mais além, e mostrando que na coluna se encontravam graça, observação, ironia e filosofia prática (Magalhães, 1899. p. 2).

Na crônica do dia 8 de novembro de 1895 o tema é tratado com humor, em tom leve e desprezioso, em forma de cena solta, de fragmento de comédia, que contém graça, observação e “filosofia prática”.

Curiosamente, no texto publicado em 9 de julho de 1896, o autor atua como personagem da série. Figueiredo Coimbra simula o modo como selecionou os assuntos do cotidiano, e revela, de certa maneira, as chaves de análise da coluna. Eis o texto:

- Queres um magnífico assunto para um diálogo?
- Ora se quero.
- O Freitas.
- Que Freitas?

- Aquele meu íntimo amigo, que nunca me deixa...
- Sim, vocês andam sempre juntos.
- O Freitas, com a sua mania de entender de tudo e de dar partidas para arranjar uma posição social... Os convidados comem-lhe os biscoitos, bebem-lhe o chá e não ligam importância ao anfitrião.

- Você fala bem de seu amigo íntimo...
- Conheço-o como aos meus dedos. É um toleirão, que se deixa desfrutar por todos...
- Por todos... ainda bem.
- Não te parece que o assunto é ótimo?
- Você tem muito empenho em ver o seu amigo metido nos *Diálogos*?
- Acharia graça à pilheria, principalmente por ser obra minha.
- Não há nada que mais nos divirta do que a figura ridícula que pode fazer um nosso amigo do peito, não é verdade?
- Perdão: eu não digo isso...
- Sente-o, apenas. E que papel faço eu neste caso, dando-lhe a satisfação de ridicularizar um amigo íntimo?
- Tu és o escritor que apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato.
- E que faz o favor de aceitar os que lhe dão os seus camaradas, quando querem divertir-se.
- Ainda me deves agradecer a boa vontade.
- Sem dúvida; confesso-me penhorado, mas permita-me não dispor do seu assunto.
- Por quê?
- Não me agrada muito, e neste momento me ocorre outro incomparavelmente melhor.
- Qual?
- O amigo íntimo... Mas espere: o assunto é o mesmo, porém encarado sob outro ponto de vista.
- Como?
- Você queria o ridículo do seu Freitas dando partidas para arranjar uma posição social. Eu prefiro tratar do amigo do Freitas que o desfruta, ri-se dele à socapa e manda atacá-lo por um terceiro.
- Mas isso não é nada humorístico.
- Entretanto é eminentemente alusivo. A vida tem dessas gracinhas tristes.
- Pois não convém aproveitá-las.
- Por que, se eu não devo discutir o tema?
- Está bem. Fica o dito por não dito. Imagina que não te dei assunto nenhum.
- Muito obrigado. Agora é tarde. Fiz a sua vontade. O diálogo está pronto. (F.C., 1896, p.1)

Nesse texto, mesmo que as personagens não estejam explícitas, como num texto teatral, consegue-se identificá-las. Quando a primeira personagem pergunta “Queres um magnífico assunto para um diálogo”, e, no final, quando a outra personagem diz “O diálogo está pronto”, ambas remetem à palavra “diálogo”, sendo esta a forma e também o nome da coluna de Coimbra. Nota-se também que a palavra “diálogos” está escrita com letra maiúscula e também em itálico, evidenciando que as personagens referem-se à coluna *Diálogos*. O autor se pôs como personagem em sua própria crônica, explicando seu processo de escrita e expondo as situações de que ele extrai seus temas. Pode-se nomear a personagem que começa o texto como “Amigo do Freitas” e a segunda personagem como Escritor, para efeito de análise.

O “Amigo do Freitas” quer da personagem Escritor que ela escreva um texto a respeito de um assunto corriqueiro, considerado interessante e classificado, na conversa, como “magnífico”. O assunto interessantíssimo para o “Amigo do Freitas” é seu “amigo íntimo”, o Freitas, um homem “com mania de entender de tudo e dar partidas para arranjar uma posição social”, para quem os convidados, depois de beberem e comerem, não dão importância. A palavra “assunto”, no decorrer do texto, recebe vários destaques: no começo o “assunto” é “magnífico”, depois “ótimo”, e por último, o assunto é reduzido a nada, zero, quando a personagem diz: “Imagina que não te dei assunto nenhum”. As primeiras concepções positivas sobre o assunto da crônica estão relacionadas ao fato em si (trazido pela personagem), considerado cômico, por isso, “magnífico” e “ótimo”; quando o Escritor aproveita o mesmo assunto e inverte as posições – o novo assunto –, para o “Amigo do Freitas”, não é “nada humorístico”, por isso ele não quer que o cronista use o assunto proposto. Dessa forma, para essa personagem, ocorre uma redução das características positivas do assunto, enquanto para o autor ocorre uma reconstrução substancial de seu conteúdo.

O Escritor conhece o “Amigo do Freitas” e o Freitas, pois faz a seguinte observação em relação aos dois: “você andam sempre juntos”; portanto, pode-se supor que ele saiba tanto

quem é o Freitas como quem é o “Amigo do Freitas”. O próprio tom de camaradagem na conversa nos induz a pensar dessa forma. Mas, percebe-se que não se trata de grandes amigos, ou pelo menos, Escritor não o considera como seu amigo. Em um determinado momento, a personagem usa a palavra “camaradas”, escrita no plural, para remeter ao “Amigo do Freitas”, ou seja, o Escritor coloca-o dentro dessa espécie de amizades. A palavra “amigo” remete a uma amizade com laços fortes de proteção e companheirismo, já “camarada” está ligada apenas a um convívio entre dois colegas ou conhecidos.

A diversão com o ridículo do amigo íntimo é o que importava para o “Amigo do Freitas”, e essa atitude de ridicularização era o ponto revelador de seu caráter. O humor é a veia central da comédia, obtido principalmente a partir do ridículo. Aristóteles, na *Poética*, define a comédia como “a imitação de maus costumes, não contudo toda a sorte de vícios, mas só aquela parte do ignominioso que é o ridículo” (Aristóteles, 1966, p. 87). No texto de Figueiredo Coimbra, o humor também é característica latente e essencial para que a coluna seja bem realizada. Por isso, a personagem “Amigo do Freitas” traz ao Escritor um “assunto” ótimo e magnífico, numa exposição ao ridículo de que a coluna se aproveita. O “Amigo do Freitas” caracteriza Escritor como aquele “que apanha o *assunto humorístico em toda a parte*, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato”.

O tom de humor, de “imitação de maus costumes” e o “ridículo” para a obtenção do riso, como na comédia, estão incrustados nos escritos do autor. Ao retirar os temas de todas as partes, principalmente dos fatos cotidianos, Coimbra prende sua coluna também aos propósitos da crônica em si. No entanto, Escritor além de aproveitar e ridicularizar a figura do “Amigo do Freitas que estava ali, à sua frente naquele momento, também usa o “ridículo do seu Freitas” para fazer a sua crônica.

O assunto é retirado do que está acontecendo ao redor do Escritor, como também da proposta do amigo, já que essa é relatada durante a crônica. O ridículo transpõe-se de lugar; passa do Freitas para o “Amigo do Freitas”, o aproveitador. Percebe-se,

no texto, que o ridículo está no “Amigo do Freitas”, quando se expõe perante um escritor, querendo rir de seu amigo, com quem convive sempre e que provavelmente é um daqueles convidados que não só comem os biscoitos e tomam o chá, mas, que pelas costas de seu amigo, quer vê-lo exposto ao ridículo, em uma coluna humorística de jornal. Dessa forma, o “Amigo do Freitas” encontra no Freitas o cômico, e o Escritor encontra no “Amigo do Freitas” e no Freitas, a forma cômica plena. Tudo isso acaba revelando que o “Amigo do Freitas” é uma pessoa sem ética e, que o Escritor pode usar de várias técnicas para obter o humor. Escritor fala da situação humana, e por meio do humor lhe é permitido tratar tanto do assunto proposto pela personagem, como de outros que ele ache humorístico.

Nota-se nessa crônica que as características das personagens são percebidas apenas por suas falas, sem intromissão narrativa ou rubricas. A única personagem que tem um nome próprio, não tem voz ativa na história, apenas é mencionada na conversa. O tempo e o espaço também não são delimitados. Essas estruturas são participativas de toda a série.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PERIÓDICO *A NOTÍCIA* (1894-1900)

A NOTÍCIA completa hoje. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895

A.T. [Alberto Torres]. Não há talvez... *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

AZEVEDO, A. O teatro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 30 mar. 1899.

B. [Olavo Bilac]. A data. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 23 mar. 1900.. p. 1.

F. [Ferreira de Araújo]. Em dia de... *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 de set. de 1895

F. C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 8 nov. 1895

F. C. [Figueiredo Coimbra]. Diálogos. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1896

FIGUEIREDO Coimbra. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 24 mar. 1899.

MAGALHÃES, V. Figueiredo Coimbra. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 28 mar. 1899.

RONCARI, L. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, p.9-16, jan.-dez. 1985.

RUFUÍFIO SINGAPURA [Medeiros e Albuquerque]. Notas. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1899. p. 2.

SIMÕES JUNIOR, A. S. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.